

**CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL - UNINTER**

**A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE FILOSOFIA  
NA EDUCAÇÃO PROFISSIONALIZANTE**

**CURITIBA**

**2019**

# A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONALIZANTE

<sup>1</sup>SANTOS, Marcos Carlos Vieira dos

<sup>2</sup>SANTOS, Wilson Xavier dos

## RESUMO

O presente artigo utilizou-se como metodologia, a pesquisa bibliográfica sobre a educação, fazendo uso de investigação qualitativa. Especificamente foram analisadas obras sobre a educação profissionalizante. Como objetivo geral, pesquisamos como construir uma formação omnilateral articulada com a educação profissionalizante. Tendo como objetivos específicos, a reflexão de uma educação emancipadora e o ensino de Filosofia na educação profissionalizante. Analisando a política e a economia brasileira, fomentadora da educação profissionalizante de viés tecnicista para atender os grandes grupos capitalistas. Ficando em segundo plano as políticas assistenciais, e a inexistência de uma educação popular emancipadora. O tema de investigação foi como podemos desenvolver uma educação profissionalizante articulada com uma formação omnilateral. Atualmente no Brasil, temos um modelo de educação profissionalizante de caráter tecnicista, voltado para classe popular, em detrimento da educação propedêutica da elite. Desta forma torna-se fundamental uma reflexão sobre a educação profissionalizante brasileira integrada com uma formação humana, uma vez que, a consciência filosófica é de vital importância para a plena formação do indivíduo, de forma generalista para seu pleno desenvolvimento intelectual.

**Palavras-chave:** Educação. Profissionalização. Emancipação. Omnilateralidade. Integralidade.

## INTRODUÇÃO

A inserção da disciplina de filosofia na educação profissionalizante se faz necessária, uma vez que, em uma sociedade capitalista, temos um confronto de interesses entre o dono do capital e o trabalhador. Consistindo em uma relação conflitante, em virtude do empregador querer levar o máximo de lucro com a exploração da mão de obra. E o conhecimento filosófico trará ao trabalhador sua emancipação intelectual, para melhor barganhar seus direitos.

Infelizmente a política brasileira desde seus primórdios vem a favorecer os donos do capital, disponibilizando cursos profissionalizantes apenas com formação técnica, sem levar em conta a formação humana omnilateral. Desta forma criamos uma cultura trabalhadora não reflexiva.

Atualmente no Brasil, temos um modelo de educação profissionalizante de caráter tecnicista, voltado para classe popular, em detrimento da educação propedêutica da elite. Desta forma torna-se fundamental uma reflexão sobre a educação profissionalizante brasileira integrada com uma formação humana, uma vez que, a consciência filosófica é de vital importância para a plena formação do indivíduo, de forma generalista para seu pleno desenvolvimento intelectual.

Como podemos desenvolver uma educação profissionalizante articulada com uma formação omnilateral?

Como objetivo geral, construir uma formação omnilateral articulada com a educação profissionalizante. Tendo como objetivos específicos, uma educação emancipadora e o ensino de Filosofia na educação profissionalizante.

Somente com uma educação emancipadora, as classes populares podem obter saltos qualitativos.

Observando Ramos:

A construção de um projeto de educação profissional contra-hegemônico exige, então, refundar uma nova compreensão sobre o papel da educação profissional, radicalmente diferente da que predominou até então (RAMOS, 2014, p.117).

Refletindo com Manacorda:

É este a premissa teórica da proposta gramsciana de organização de uma escola única inicial de cultura geral, humanística, formativa que harmonize precisamente o desenvolvimento da capacidade de trabalho intelectual (MANACORDA, 2007, p.139).

## **A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONALIZANTE**

A filosofia é uma ciência investigativa, aberta, interessada em descobrir o novo. Ao mesmo tempo ela tem o poder de elucidação do objeto, esmiuçando-o para tomarmos posse da verdade.

Fazendo uma reflexão com Moura:

Parte-se do pressuposto de que o objeto a ser alcançado, na perspectiva de uma sociedade justa, é a formação omnilateral, integral ou politécnica de todos, de forma pública e igualitária e sob a responsabilidade do estado. Apesar de essa representar a utopia a ser buscada, a realidade atual está muito distante dessa perspectiva formativa (MOURA, 2013, p. 705).

Diferentemente das ciências exatas e biológicas, a filosofia enquanto ciências humanas, não partilha do mesmo método investigativo das outras áreas. Suas considerações são outras, são mais relativas e menos exatas. Temos em consideração uma forte subjetividade, característica humana. Devemos levar em consideração o momento, a cultura, os valores, as crenças e os objetivos de determinado povo que não se confundem com a humanidade, pois cada agrupamento humano tem suas próprias necessidades e anseios peculiares.

Então podemos perceber a filosofia não somente como meio primário de questionamento e reflexão, mas também como norteador de soluções, através de análises e reflexões profundas das sociedades.

De acordo com Borges:

A constituição humana por meio da sua intervenção junto à natureza e o estabelecimento das relações sociais são processos educativos que se repetem, tanto na história do homem, quanto no desenvolvimento individual, recolocando, nos processos educativos, a construção do homem como ser social e construindo o longo caminho de distanciamento de sua condição animal. Com base nesse breve panorama, propõe uma análise acerca da escola e do ensino no Brasil, indicando a função social da educação escolar e o significado das perspectivas pedagógicas que secundarizam a relação entre ensinar e aprender (BORGES, 2017, p. 101).

A educação formal é sem sombra de dúvida, primordial para o desenvolvimento das sociedades, uma vez que, através dos conhecimentos sistematizados se dão avanços nas mais variadas áreas, como medicina, engenharias e relações humanas.

O nosso foco é percebermos a educação como fonte de libertação ou doutrinação social-econômica.

Quando temos um sistema educacional tecnicista em que se proclama como salutar, quem detem conhecimentos quantitativos, demonstrando total obediência ao sistema dominante, estamos contando com uma educação doutrinadora. Este tipo de educação é pertinente à classe da elite dirigente, ávidos por aumentarem seus lucros e manterem seus luxos, permanecendo a divisão das classes sociais.

Temos que quebrar outro paradigma dominante, de viés positivista, e ressaltar a pesquisa participante.

De acordo com Leite:

Conclui que a pesquisa participante, em especial a sistematizada por militantes latino-americanos da educação popular, aproxima-se das prerrogativas do materialismo histórico-dialético devido ao foco na transformação social e coletiva, à vinculação com a dialética marxiana e ao estímulo ao empoderamento dos participantes (LEITE, 2018, p. 52).

Falar do materialismo-histórico-dialético é trazer à realidade a qual estamos inseridos à tona. Conceituando o termo, materialismo, sendo os meios materiais os quais fazemos uso, histórico, porque se perpassa em um contexto contínuo, e dialético, em virtude do diálogo reflexivo e argumentativo de forma polivalente, enxergando mais de um ponto de vista com embasamento filosófico.

E é com base nesse materialismo-histórico-dialético, que à partir da análise de Karl Marx empondeiramos de um pensamento reflexivo e emancipador. Pensamento este que é de suma importância à classe trabalhadora, que necessita de um norte para se libertar de todo tipo de escravidão que o sistema hegemônico pode causar. Podendo desta forma ser protagonista de sua própria história e contribuindo com os demais colegas, transformando a realidade social. Pois a sociedade é como é, pela conduta que a sociedade dá. As desigualdades e injustiças são causas sociais mutáveis e não imutáveis, como nos faz pensar o pensamento hegemônico.

Conforme Manacorda:

Mas a diferença substancial entre a pedagogia de Marx e qualquer outra pedagogia, e, por outro lado, entre todo o seu método de pesquisa antiideológico e qualquer outra teoria, consiste no fato de que, frente a um processo real, não se propondo considera-lo natural e eterno, à maneira dos economistas clássicos, não contrapõe as suas teorizações nem para retornar a uma solução ideal de equilíbrio anterior, nem para aperfeiçoá-la eliminando os seus aspectos negativos ou contraditórios, mas, ao contrário, assume toda a realidade contraditória e até vê, no desenvolvimento das contradições, no emergir do dado negativo, antagônico, a única via histórica de solução (MANACORDA, 2007, p.120).

Muitos confundem a teoria marxiana com o marxismo difundido por seus críticos. É preciso muito cuidado, ao acreditar no que se houve falar, ou no que se lê de alguém, não sendo dito ou escrito pelo próprio autor, mas por terceiros. Às vezes as interpretações são equivocadas, ou o sentido do que se falou foi alterado.

Entende-se por marxista o que se fala ou se escreve de Karl Marx, e de marxiano o que de fato o mesmo pensava e escrevia. Manacorda em seu livro Marx e a pedagogia moderna, com sua pesquisa filológica nos traz Marx como ele é, seu verdadeiro pensamento.

Refletindo com Manacorda:

Expondo, de maneira esquemática, o resultado da pesquisa marxiana sobre os temas de formação do homem – que nada mais são que um aspecto dos temas da sua emancipação como indivíduo social, isto é, como ser singular inserido na sociedade de que participa – pode-se enunciá-lo como método da associação do trabalho e fábrica e de ensino numa escola essencialmente tecnológica, com a finalidade de criar o homem omnilateral (MANACORDA, 2007, p.119).

Marx não foi um teórico revolucionário inconsequente, anarquista. O socialismo implantado pós Marx, foi distorcido, em que, tomaram-se o poder em nome da classe trabalhadora, mas implantaram uma ditadura desumanizadora para como a mesma classe, havendo ainda um grupo privilegiado ditando normas e nivelando por baixo a distribuição das riquezas.

Ao contrário o pensamento marxiano vem de encontro à verdadeira justiça social com ascensão da classe trabalhadora com uma emancipação intelectual através de uma formação omnilateral.

Conforme Moura:

Para tanto, no caminho para a travessia em direção à escola unitária, laica, politécnica, universal, pública e gratuita é necessário reclamar por escola técnicas (teóricas e práticas), nas quais está o germe do ensino que poderá elevar a educação da classe operária bastante acima do nível das classes superior média (MARX, 1996). Se essa tese é válida para a classe trabalhadora em geral, para o caso do Brasil, imerso no capitalismo neoliberal como quase todo o planeta e, além disso, estando na periferia desse sistema capital, ela tem mais potência ainda (MOURA, 2013, p.713).

Na medida em que deparamos com uma educação fornecida pelo Estado, destinada às classes populares em que se ressalta um caráter de conformismo, enaltecendo o sistema capitalista como o melhor sistema, e que cabe ao indivíduo se profissionalizar e ser mão de obra no mercado de trabalho, desta forma, presencia-se uma estagnação social. Enquanto isso, a elite dominante tem uma educação integral, com esportes, cultura e tempo para vivenciá-las harmonicamente sem preocupações com sua sobrevivência. Pois estão em outro nível de vida. Seus anseios não são os mesmos das classes populares, pois suas necessidades básicas e intermediárias estão completamente supridas. A elite dominante (governo, investidores) controla as massas da maneira que a convém. Isso não é de hoje, nem apenas um problema social exclusivo do Brasil.

Conforme Bernstein:

Por último, procura-se identificar, na fase atual do capitalismo, o processo de construção de identidades privilegiado pela educação escolar, bem como seus conflitos com outros processos análogos que se dão fora da escola. A presença desses conflitos abre, no entanto, a possibilidade de uma reavaliação crítica das instituições escolares e dos princípios e dos aspectos focalizados em seus discursos (BERNSTEIN, 2003, p. 75).

Contudo, utilizando-se de uma educação libertadora, podemos propiciar uma nova mentalidade nas classes populares, principalmente na formação



profissionalizante, em que se ressalta apenas o caráter profissional em detrimento de uma formação omnilateral.

Refletindo com Ciavatta:

Essa é a origem recente da ideia de formação integrada em defesa de uma formação educacional que não fosse apenas o arremedo da profissionalização compulsória implantada a partir da Lei n. 5.692/71. Buscava-se a da superação do tradicional dualismo da sociedade e da educação brasileira e a defesa da escola pública, particularmente, no primeiro projeto de LDB, elaborado logo após o fim da ditadura civil-militar (1964-1989), em consonância com os princípios de educação na Constituição de 1988 (CIAVATTA, 2014, p. 190).

O trabalhador é a peça fundamental para o desenvolvimento da sociedade, mas infelizmente o mesmo não tem o devido valor. É ele com sua força de trabalho o motor que torna real as condições favoráveis de sobrevivência. Todo conforto social que usufruímos advém de uma força de trabalho. Trabalho este que em grande parte se dá em condições desumanas de super-exploração, onde o trabalhador tem apenas deveres, com um mísero salário e nenhum direito.

Quando um governo abre mão de uma justiça do trabalho, atrai empresários inescrupulosos que querem aumentares seus lucros. Isso faz parte da globalização com seu lado nefasto.

Conforme Ciavatta:

Sua origem remota está na educação socialista que pretendia ser omnilateral no sentido de formar o ser humano na sua integralidade física, mental, cultural, política, científico-tecnológica. Foi aí que se originou o grande sonho de uma formação completa para todos conforme queriam os utopistas do Renascimento, Comenius, com seu grande sonho de regeneração social e, principalmente, os socialistas utópicos da primeira metade do século XIX. De modo especial, foram Sint-Simon, Robert Owen e Fourier que levantaram o problema de uma formação completa para os produtores. Finalmente, Karl Marx extrai das próprias contradições da produção social a necessidade de uma formação científico-tecnológica (CIAVATTA, 2014, p.190).

Devemos pensar no progresso sem contudo escravizar o trabalhador. Como ser humano e principalmente por ser o responsável pelo desenvolvimento da sociedade ele merece pelo menos mínimas condições de dignidade. Não estamos falando em luxo, o qual ostentam a elite. Mas condições básicas de moradia, alimentação, saúde, educação e cultura. Quem de fato sustenta o país vive como rebanhos, em transportes superlotados, morando à margem da sociedade como se fossem serviçais vivendo na senzala e promovendo as mordomias do “senhor da casa grande”.

De acordo com Borges:

A classe trabalhadora é expropriada da riqueza humana, inclusive dos saberes e das artes. Assim, uma sociedade de classes apresenta, necessariamente, o que se convencionou chamar de escola dual. De um lado, as escolas projetadas para a classe proprietária dos meios de produção; de outro, a escola para a classe trabalhadora. Os que podem consumir mercadorias mais elaboradas, ou seja, a classe dominante, acessa uma escola que lhes permite a apropriação de saberes mais complexos, mais elaborados, mais desenvolvidos. A arte como conteúdo escolar é uma boa medida dessa escola. Afinal, a condução pela classe dominante, dos processos produtivos e da condução política da sociedade depende de um preparo considerável. A lógica social em que se está inserido distribui, de forma proporcional, às classes o capital e os saberes (BORGES, 2017, p.112).

Na verdade passaram-se os tempos, mas não as condições de exploração a que uma classe social explora a outra desfavorecida.

Recorrendo à história podemos perceber atrocidades de uma cultura para com outra, e até mesmo na mesma cultura, sendo a dominada explorada pela dominante, sem promoção da equidade social. Acha-se melhor explorar do que ajudar, e isso com requintes de crueldade, principalmente na Idade Antiga, antes de Cristo. Depois na Idade Média, com atrocidades e exploração em nome de um reinado e de uma religião. Posteriormente na Idade Moderna com lutas sangrentas por melhores condições humanas. Na contemporaneidade continuam as lutas populares por condições mais dignas, com melhores distribuições de renda e extinção de pré-conceitos.

O homem está em constante evolução. Se recorrermos à história poderemos

perceber que a crueldade humana da Idade Antiga não é a mesma da Idade Média, que não é a mesma da Moderna e que não é a mesma da nossa atualidade.

As sociedades através de suas vivências evolutivas vão se tornando mais humanas, deixando sua primitividade. E um grande responsável por essa melhoria social humana é a educação. Os legados científicos, filosóficos deixados nos livros, nas atitudes de pessoas sábias que transitaram e transitam nosso planeta.

Sabemos que o presente artigo é de caráter materialista-funcionalista, mas não podemos deixar de lado, o lado espiritual do ser. A sociedade não existe sozinha, ela é constituída por cada ser humano. Então se a sociedade tem problemas, está em desarmonia, é porque o ser humano individual que forma o coletivo tem problema e desarmonia consigo mesmo. Deixando o egoísmo imperar na sua vida, mostrando então o seu nível evolutivo espiritual. Porque indivíduos conscientemente espiritualizados tornam a sociedade em que vivem mais humanas.

Olhemos o caso do Japão que, quando houve uma tsunami de elevada magnitude, em que houve um grande abalo nas torres nucleares fazendo com que uma nuvem radioativa se espalha-se pelo céu, e seus moradores da cidade afetada se refugiassem para fora dali. Sedentos de água, pudemos ver pela reportagem transmitida para vários países, a dignidade e o respeito de esperar sua vez, em fila, harmonicamente, sem alarde e tumulto para receber sua garrafa d'água. Enquanto no Brasil, ainda temos pessoas que pegam senha preferencial, não sendo. A cultura antiética de levar vantagem, não se colocando no lugar do próximo. Dessa forma com egoísmo elegemos mal nossos governantes e que acabam agindo da mesma forma daqueles que os elegeram. Para seu benefício próprio, retiram-se os direitos dos trabalhadores, como podemos ver atualmente em nosso país com a reforma da previdência, em que se prepara o país para um novo neoliberalismo escravocrata.

Que venham as multinacionais explorarem ainda mais a força de trabalho! Não vamos nem citar a classe média com seus trabalhos liberais e pequenos comércios, que continuarão vivendo com dignidade, apesar da luta diária, estudando, trabalhando, mas sim os operários do chão de fábrica, os ambulantes, a grande massa popular renegada à total exploração e sua miserável assistência social.

Com nosso grito de clamor estamos contribuindo para a lapidação dos grupos sociais. Como não vivemos em uma sociedade justa, faz-se necessário nosso

posicionamento frente às desigualdades de vários gêneros. E essa lapidação faz parte do caráter evolutivo humano e social, e mais do que isso, se faz necessário esse embate político, porque a política terá que ser para todos. Um passo após o outro, e chegaremos a um nível igualitário social, mas antes passaremos pela lapidação, que inevitavelmente é turbulenta, pois há muitos interesse em jogo e o egoísmo ainda perdura.

Podemos perceber que a humanidade sempre viveu um dilema de exploração. É verdade que os elevados requintes de maldade diminuíram, mas o egoísmo humano ainda perdura, fazendo-se necessário uma contínua reflexão e estudos sobre as condições a que nós seres humanos somos submetidos. Tendo em vista uma luta consciente para alcançarmos uma equidade social.

Por que temos que achar normal, uma massa de desempregados, subempregados, representantes populares (governo) que na verdade, representam a elite, sendo apenas as massas populares sacrificadas pelas políticas econômicas?

Isso é filosofia, mecher na ferida, e dói. Dói no orgulho da elite e dói na subnutrição, tanto alimentar quanto intelectual a qual a população fica renegada.

Enquanto a elite tem uma formação gerencial, a classe popular tem uma operacional. Em uma sociedade justa faz-se necessário uma educação igualitária à todas as camadas, caso contrário, o ciclo continuará existindo da mesma forma.

Conforme Borges:

Se a escola não se compromete com o enriquecimento humano no sentido da humanização aqui defendido, no limite, opera a expropriação, contribui com o movimento próprio da lógica intrínseca ao modo de produção capitalista que é a alienação da classe trabalhadora. Essa questão recoloca o grande debate acerca de a escola ser espaço de dominação ou libertação de classe. Na direção que se pretende argumentar, ela é, na sua promessa, espaço de humanização e, no movimento da luta de classes, é fundamental perseguir, exigir, lutar para que ela cumpra esse papel (BORGES, 2017, p. 117).

Somente com uma educação omnilateral as classes desfavorecidas poderão emancipar-se. A consciência é a base para emancipação. E principalmente na educação profissionalizante, cabe a implantação de uma formação integral, com

uma sólida formação filosófica, tendo em vista a consciência de classe e o porquê das diferenças sociais-econômicas se perpetuarem.

Também é pertinente pensarmos criticamente a tecnologia, pois o pensamento hegemônico nos faz sermos submissos a tal, quando na verdade, nós quem devemos sermos agentes, utilizando dessa ferramenta para servir a todos e não o contrário. Tal pensamento dominante nos diz que nós devemos nos adaptar às inovações tecnológicas com uma visão tecnocêntrica.

De acordo com Silva:

Na busca dessa perspectiva teórico-crítica sobre tecnologia em nossa sociedade, um desafio tem emergido como fundamental: a possibilidade de pensá-la como uma dimensão da cultura. Além disso, o horizonte de uma epistemologia da tecnologia lida com outras inquietações: "O que é a tecnologia?", "Como orientar esse desenvolvimento?" (SILVA, 2013, p. 840).

A filosofia como instrumento de investigação social,propõequestionamentos das realidades sociais, utilizando-se também da sociologia. Desta forma a mesma pode ser utilizada como ferramenta de emancipação social, haja vista que, somente empodeirando-se intelectualmente pode-se abalar uma estrutura hegemônica.

Sendo a filosofia uma disciplina investigativa e norteadora, cabe a ela propor a interlocução das disciplinas formadoras, fazendo uso da interdisciplinaridade.

Refletindo com Frigotto:

Trata-se de aprender a interdisciplinaridade como uma necessidade e como um problema. A questão da interdisciplinaridade, ao contrário do que se tem enfatizado, especialmente no campo educacional, não é, sobretudo, uma questão de método de investigação e nem de técnica didática, ainda que se manifeste enfaticamente neste plano. A questão da interdisciplinaridade se impõe como necessidade e como problema fundamentalmente no plano histórico-cultural e no plano epistemológico (FRIGOTTO, 2008, p. 41).

Dessa forma percebemos a dimensão da articulação filosófica entre as disciplinas formativas, uma vez que, se deve ter um olhar amplo da realidade que nos cerca.

## **METODOLOGIA**

A metodologia desenvolvida para a proposta de pesquisa, consiste em investigação qualitativa, utilizando-se de bibliografias sobre a educação.

Conforme ressalta Zanette:

O debate metodológico qualitativo tem acompanhado as pesquisas em diversos campos, de forma que diferentes posições têm sido assumidas pelos investigadores em educação, diversificando entre aceitação, negação ou, até mesmo, meio-termo entre o que se convencionou chamar de debate qualitativo/quantitativo, além de outras terminologias (ZANETTE, 2017, p. 150).

Para confecção do presente artigo, foi utilizada a bibliografia completa do Profept 2019, seleção para Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, em rede, do Instituto Federal do Espírito Santo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação, fonte primária e atual de desenvolvimento humano e social. Sua importância é indiscutível, visto que, através da mesma, alcança-se desenvolvimentos e qualidades sociais para uma cômoda sobrevivência. Disso não temos dúvida. Contudo, nosso objeto de investigação e reflexão é sobre como é aplicada esta educação, especificamente a educação profissionalizante. Por que ela é da forma que é? É boa para o trabalhador? Ou melhor para o patrão?

- Vamos refletir?

Somos convidados a reflexão, e com muita honra devemos aceitá-la, pois eu, você, nós, fazemos parte desse universo corporativo, digo corporativo de maneira generalista. Este artigo é dirigido aos que anseiam por justiça social, não cabe aqui gananciosos que não vêem além do próprio umbigo. Estamos refletindo em um nível elevado de consideração humana. E a ferramenta justa que dispomos para lutar chama-se educação emancipadora.

Não vamos pensar em lutas armadas, não precisa. Com lucidez, humildade e senso de justiça, fazendo uso de uma educação elucidadora se pode iniciar um caminho rumo à justiça social.

E se os trabalhadores da terra, do campo, pararem de produzir, se os mesmos cruzassem os braços por um dia, só para alertar seu poder à elite. Se as domésticas (toda à classe) fizessem um dia de pausa, notar-se-ia suas faltas, a necessidade que fazem sua presença? Porque não se valoriza o que se tem. Então faz-se necessário às vezes mostrar sua falta. Contudo isso precisa ser uma consciência de classe. “Uma andorinha só, não faz verão”. E essa consciência de classe pode ser conquistada com uma educação omnilateral, em que o viés filosófico expanda os campos de visão do trabalhador.

Podemos concluir que a educação profissionalizante no Brasil, atualmente continua com seu viés tecnicista, sendo dominada pelo mercado financeiro mundial. O sistema capitalista continua hegemônico, sobressaindo sobre as políticas sociais, onde o capital material é mais importante que o ser humano.

Infelizmente a política atual brasileira alinha-se de maneira escancarada ao capitalismo selvagem, em que o Estado alia-se às organizações empresariais suprimindo os direitos da classe trabalhadora. Fazendo uso do argumento que são necessárias políticas que visem o crescimento da economia. Então perguntamos:



crescimento da economia para quem? Para os donos dos meios de produção, banqueiros, investidores, ou para todos?

Concluindo com Ciavatta:

O tema proposto tem a pergunta "Por que lutamos?" e traz implícita a resposta, "Ensino integrado, politecnicia, educação omnilateral". Não se trata de sinônimos, mas de termos que pertencem ao mesmo universo de ações educativas quando se fala em ensino médio e em educação profissional. Essa compreensão é especialmente importante para nós que somos não apenas estudiosos do tema. Somos também militantes de uma causa, a qualidade da educação que desejamos que seja um direito assegurado a todos os trabalhadores brasileiros e a seus filhos (CIAVATTA, 2014, p. 188).

## REFERÊNCIAS

- BERNSTEIN, Basil. A pedagogização do conhecimento: estudos sobre recontextualização. Cadernos de Pesquisa, n. 120, nov. 2003.
- BORGES, Liliam Faria Porto. Educação, escola e humanização em Marx, Engels e Lukács. Revista Educação em Questão, v. 55, n. 45, 2017.
- CIAVATTA, Maria. Ensino Integrado, a Politécnica e a Educação Omnilateral: por que lutamos? Revista Trabalho & Educação, v. 23, n. 1, 2014.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas Ciências Sociais. Ideação, v. 10, n. 1, 2008.
- LEITE, Priscila de Souza Chisté. Materialismo Histórico-Dialético e suas relações com a pesquisa participante: contribuições para pesquisas em Mestrados Profissionais. Revista Anhanguera, v. 18, n. 1, 2018.
- MANACORDA, Mario Alighiero. Marx e a pedagogia moderna. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007.
- MOURA, Dante Henrique. Ensino médio integrado: subsunção aos interesses do capital ou travessia para a formação humana integral? Educação Pesquisa, v. 39, n. 3, 2013.
- RAMOS, Marise Nogueira. História e política da educação profissional. Curitiba, PR: Instituto Federal do Paraná, 2014.
- SILVA, Gildemarks Costa e. Tecnologia, educação e tecnocentrismo: as contribuições de Álvaro Vieira Pinto. Rev. bras. Estud. pedagóg., v. 94, n. 238, 2013.
- ZANETTE, Marcos Suel. Pesquisa qualitativa no contexto da Educação no Brasil. Educar em Revista, n. 65, 2017.